

postulados de sua pregação, o da nacionalização do comércio a retalho. Claro que os jacobinos viam apenas parte da verdade: o mal não estava nos lusos, depois quase todos enquadrados no partido restaurador e, desaparecida a razão de existência deste, na direita conservadora; nem estava no fato de monopolizarem o comércio a retalho, o que era consequência — não estava na condição nacional deles, em suma. Estava na condição social, quando se misturavam, aliás, a elementos nativos, interessadíssimos na preservação de uma estrutura, a colonial, ameaçada pelo abalo da autonomia e pelas contradições que afluíam e o golpe da Maioridade, a situação definida no largo estuário do segundo Império.

Pretende-se apresentar esse estuário como remansoso e até índice de avanço político e de progresso material. Em contraste, a fase da Regência teria sido a anarquia, a ameaça do caos. E a pequena imprensa da fase é apontada como dos mais claros sinais da desordem, da anarquia, do caos. Mas, na verdade, a violência, a irrestrita aspereza, o destemper de linguagem, não surgiram de impulsos individuais, apenas; apareceram em consequência de razões profundas. Difundiram-se porque a fase foi propícia: foram muito mais característica da fase do que da imprensa. Esta não fez mais que sujeitar-se e adaptar-se a tais imposições, servindo aos desconhecidos impulsos, expandindo pensamentos escondidos e represados, explodindo os ímpetos e recalques que sufocavam os manifestantes. As causas do aparecimento do pasquim, pois, não estiveram condicionadas a fatores meramente ligados à expansão da imprensa em si mesma, mas a outras, ligadas ao meio, ao tempo, à gente, à cultura. Surgindo desse meio, esmagado em condições estreitas, servindo a público pequeno e de nível bastante baixo, usando as armas que a época permitia e fornecia, julgadas excelentes para os fins visados, o pasquim refletiu, em sua tormentosa fisionomia, o atraso, as agruras, as paixões de uma fase histórica. Como nítido produto desse meio e dessa gente, subordinado às próprias insuficiências e guardando as consequências de mais de três séculos de domínio colonial fundado na escravidão e na servidão, o pasquim não fez mais do que retratar aquela fase. Retratou-a fielmente, caricaturalmente também, porque deformou alguns de seus traços para acentuá-los, sem distanciar-se da realidade. A realidade é que o gerou.

As condições que impuseram o aparecimento do pasquim, que o mantiveram, e que se estenderam da Independência à segunda metade do século, eram tão generalizadas, profundas e evidentes que afetaram ainda as personagens mais destacadas daquela fase. Não é possível esquecer, estudando figuras típicas como Davi da Fonseca Pinto, João Batista de Queiroz, Francisco das Chagas de Oliveira França, Antônio Borges da Fonseca,